

Veludo cor de pêssego com um debrum bordado azul-claro. O Ilustre Ceifador Brahms adorava as suas vestes. É verdade que o calor do veludo se tornava desconfortável nos meses de verão, mas era algo a que se acostumara nos seus sessenta e três anos como ceifador.

Recentemente, tinha reiniciado o contador mais uma vez, pelo que desfrutava de uma ágil idade física de 25 anos. E agora, na sua terceira juventude, descobrira que o apetite pela colheita era mais forte do que nunca.

A sua rotina era sempre a mesma, embora os métodos variassem. Escolhia o seu alvo, fosse ele homem ou mulher, amarrava-o e então tocava-lhe uma canção de embalar (a de Brahms, para ser mais preciso), a mais famosa de todas as obras do seu Patrono Histórico. Afinal, se um ceifador tinha de escolher uma figura da História para receber o seu nome, ele não devia de alguma forma integrar essa figura na sua vida? Tocava a canção de embalar em qualquer instrumento que lhe fosse mais conveniente e, caso não houvesse nenhum disponível, limitava-se a cantarolá-la. E, então, punha fim à vida do eleito em questão.

Em termos políticos, inclinava-se mais para os ensinamentos do falecido Ceifador Goddard, já que aquele apreciava imenso a colheita e não via razão para que a dita constituísse um problema. «Afinal, vivemos num mundo perfeito, e será que num mundo perfeito não temos o direito de adorar aquilo que fazemos?», escrevera Goddard. Era um sentimento que a cada dia ganhava mais adeptos entre as ceifas regionais.

O Ceifador Brahms acabara de terminar uma colheita particularmente satisfatória no centro de Omaha naquela noite e ainda assobiava a sua música característica enquanto caminhava pela rua, perguntando

a si mesmo onde poderia encontrar algo que comer àquela hora. Todavia, interrompeu o seu assobio porque teve a nítida sensação de que estava a ser observado.

Ele sabia que havia câmaras em todos os postes de iluminação da cidade, claro. O Cúmulo-Nimbo estava sempre a ver... mas os ceifadores não prestavam atenção àqueles olhos insones e imperturbáveis. O Cúmulo-Nimbo não podia sequer comentar as idas e vindas dos ceifadores, muito menos agir com base no que via. No que à morte dizia respeito, era o *voyeur* supremo.

No entanto, aquela sensação era algo mais do que a resultante da presença do Cúmulo-Nimbo. Os ceifadores eram treinados para aguçar a sua perceção. Não eram prescientes, embora cinco sentidos altamente desenvolvidos muitas vezes se assemelhassem a um sexto. Um cheiro, um som, uma sombra errante tão pequena que não era registada conscientemente podia ser suficiente para arrepiar os cabelos da nuca de um ceifador bem treinado.

Brahms virou-se, cheirou e escutou. Registou o seu ambiente. Estava sozinho num beco. Noutro local, podia ouvir o som das esplanadas e da vida noturna sempre animada da cidade, mas onde estava só havia lojas fechadas àquela hora da noite. Lavandarias e alfaiates. Uma loja de ferragens e uma creche. O beco solitário pertencia-lhe, a ele e a um intrometido invisível.

— Apareça — disse ele. — Sei que está aí.

Imaginava que podia ser uma criança ou, talvez, um indesejável que esperava negociar a sua imunidade; como se um indesejável tivesse algo com que negociar. Talvez fosse um tonista. Os cultos do tom desprezavam os ceifadores e, embora Brahms nunca tivesse ouvido dizer que um tonista tinha realmente atacado um colega, eles podiam ser uma praga.

— Não lhe vou fazer mal — insistiu. — Acabei de concluir uma colheita... não tenho desejo algum de aumentar a minha lista.

Todavia, verdade fosse dita, podia mudar de ideias se o intruso se revelasse demasiado ofensivo ou obsequioso.

Mesmo assim, ninguém se fez ver.

— Muito bem, vá-se embora, não tenho tempo nem paciência para brincar às escondidas.

Afinal, talvez fosse a sua imaginação a pregar-lhe partidas. Talvez os seus sentidos rejuvenescidos estivessem agora tão aguçados que respondessem a estímulos muito mais distantes do que ele supunha.

Foi então que uma figura saiu de trás de um carro estacionado, como se tivesse sido projetada por uma mola. Brahms perdeu o equilíbrio; teria acabado no chão se ainda tivesse os reflexos de um homem mais velho e não os do seu recente eu de vinte e cinco anos. Empurrou o atacante contra uma parede e pensou em sacar das suas lâminas para colher aquele depravado, mas o Ceifador Brahms nunca fora um homem corajoso. Como tal, fugiu.

Entrava e saía das poças de luz criadas pelos postes de iluminação; entretanto, as câmaras no alto de todos eles iam-se voltando para o observar.

Quando olhou para trás, a figura estava a uns bons vinte metros de distância. Vestia uma túnica preta. Seria o manto de um ceifador? Não, não podia ser. Nenhum ceifador se vestia de preto... não era permitido.

Todavia, corriam rumores...

Aquela ideia levou-o a estugar o passo. Podia sentir o formigueiro da adrenalina nos dedos, acrescentando também velocidade e urgência ao seu coração.

Um ceifador de preto.

Não, tinha de haver outra explicação. Havia de denunciar aquilo à Comissão das Irregularidades, garantidamente. Sim, poder-se-iam rir dele e dizer que se deixara assustar por um indesejável disfarçado, mas aquelas coisas tinham de ser denunciadas, por mais embaraçosas que fossem. Era o seu dever cívico.

Um quarteirão mais adiante, o seu atacante tinha desistido. Desaparecera por completo. O Ceifador Brahms abrandou um pouco. Estava a aproximar-se de uma parte mais ativa da cidade, pelo que a batida da música e a confusão das conversas avançavam pela rua direitas a ele, dando-lhe uma sensação de segurança. Baixou a guarda. O que foi um erro.

A figura escura saiu de um beco estreito e atacou-o lateralmente, assentando-lhe um soco na traqueia. Enquanto Brahms tentava recuperar o fôlego, o seu agressor atirou-o ao chão com um pontapé

de Bokator, essa arte marcial brutal que os ceifadores aprendiam. As pernas cederam e ele caiu em cima de uma caixa de couves podres que havia sido deixada junto a um mercado. A caixa rebentou, espalhando um intenso fedor de metano. A respiração de Brahms era irregular e ele sentiu o calor espalhar-se pelo seu corpo à medida que os nanorrobôs analgésicos libertavam os seus opiáceos.

*Não! Ainda não! Não quero ficar anestesiado. Preciso de todas as minhas faculdades para enfrentar este criminoso.*

Mas os nanorrobôs nada mais eram do que simples missionários de alívio que apenas escutavam o grito das suas terminações nervosas furiosas. Ignoraram os seus desejos e aliviaram a dor.

Brahms tentou levantar-se, mas escorregou nos vegetais podres que se esmagaram sob o seu peso, transformando-se numa papa malcheirosa e escorregadia. Agora, a figura de preto estava em cima dele, prendendo-o ao chão. O ceifador tentou em vão enfiar a mão na túnica para sacar as suas armas. Como tal, ergueu os braços, empurrou para trás o capuz preto do seu agressor e descobriu que era um jovem, quase ainda nem era um homem; um rapaz. A intensidade do seu olhar deixou claro que ele estava decidido a — para recorrer a termos da Era da Mortalidade — matá-lo.

— Ceifador Johannes Brahms, é acusado de abuso de poder e de múltiplos crimes contra a Humanidade.

— Como se atreve! Quem é você para me acusar?

O ceifador fez por recuperar as suas forças, mas sem sucesso. Os analgésicos que lhe percorriam o corpo reduziam-lhe os reflexos. Os seus músculos estavam fracos e eram inúteis.

— Penso que sabe quem eu sou — respondeu o jovem. — Quero ouvi-lo dizer o meu nome.

— Não farei tal coisa! — retorquiu Brahms, determinado a não lhe conceder tal satisfação.

Mas o rapaz de preto deu-lhe uma joelhada tão forte no peito que ele recebeu que o coração lhe parasse. Mais nanorrobôs analgésicos. Mais opioides. A cabeça estava a girar. Ele não tinha outra escolha a não ser ceder.

— Lúcifer — disse por fim, ofegante. — Ceifador Lúcifer.

Brahms sentiu-se desmoronar, como se dizer aquilo em voz alta desse corpo aos rumores.

Satisfeito, o autoproclamado ceifador aliviou a pressão.

— Você não é um ceifador — atreveu-se Brahms a dizer. — Não passa de um aprendiz fracassado e não vai escapar impune.

O rapaz não tinha resposta, pelo que se limitou a dizer:

— Esta noite, você ceifou uma jovem com uma lâmina.

— Isso é problema meu, não seu!

— Ceifou-a como um favor a um amigo que queria acabar com a relação que mantinha com ela.

— Isto é inadmissível! Não tem nenhuma prova do que está a dizer!

— Tenho-o observado, Johannes — disse Rowan. — E também ao seu amigo, que pareceu muito aliviado ao saber da colheita.

De repente, uma faca estava encostada ao pescoço de Brahms. A sua própria faca. Aquele rapaz infernal estava a ameaçá-lo com a sua própria faca.

— Admite o que fez? — perguntou ele a Brahms.

Tudo o que ele havia dito era verdade, mas o ceifador preferia acabar mortuoso a admitir tal coisa a alguém daquela laia. Mesmo se lhe apontasse uma lâmina ao pescoço.

— Vamos, corta-me a garganta — desafiou Brahms. — Servirá apenas para adicionar outro crime indesculpável à tua lista. E quando me reanimarem, prestarei testemunho contra ti... E não duvides: hás de ser apresentado à justiça!

— À justiça de quem? Do Cúmulo-Nimbo? Eliminei ceifadores corruptos de uma costa à outra no ano passado, e o Cúmulo-Nimbo não enviou um único agente da paz para me deter. Na sua opinião, qual será o motivo?

O ceifador estava sem palavras. Pensara que, se empatasse o suficiente e mantivesse o alegado Ceifador Lúcifer ocupado, o Cúmulo-Nimbo havia de enviar todo um esquadrão para o capturar. Era o que acontecia quando cidadãos comuns ameaçavam tornar-se violentos. Para dizer a verdade, estava perplexo ao ver que aquela situação tinha chegado tão longe. Aquele género de comportamento entre a população geral devia ser uma coisa do passado. Porque é que era permitido?

— Se eu lhe tirasse a vida agora — continuou o falso ceifador —, ninguém o havia de trazer de volta. Queimo sempre aqueles que retiro do serviço para que deles não reste nada mais do que cinzas impossíveis de reanimar.

— Não acredito! Não te atreverias!

Não obstante, acreditava. Desde janeiro, quase uma dúzia de ceifadores de três regiões Mericanas haviam sido engolidos pelas chamas em circunstâncias suspeitas. As suas mortes tinham sido consideradas acidentais, mas era óbvio que não. E, uma vez que tinham sido queimados, a sua morte era permanente.

Agora, Brahms sabia que as histórias sussurradas a respeito do Ceifador Lúcifer — os atos hediondos de Rowan Damisch, o noviço em desgraça — eram verdadeiras. Fechou os olhos e inspirou uma última vez, tentando não vomitar com o cheiro rançoso da couve podre.

Foi então que Rowan disse:

— Não vai morrer hoje, Ceifador Brahms. Nem sequer temporariamente. — Afastou a faca do pescoço dele. — Vou dar-lhe uma oportunidade. Se agir com a nobreza própria de um ceifador e colher com honra, nunca mais me verá. Por outro lado, se continuar a servir os seus apetites corruptos, acabará reduzido a cinzas.

Com isto, desapareceu, quase como se se tivesse evaporado, e no seu lugar estava agora um jovem casal, a olhar horrorizado para Brahms.

— É um ceifador?

— Depressa, ajuda-me a levantá-lo!

Tiraram Brahms do lixo. A sua túnica de veludo cor de pêssogo estava manchada de verde e castanho, como se estivesse coberta de ranho. Que humilhação. Ainda pensou em colher o casal (porque ninguém devia continuar vivo depois de ver um ceifador em tais preparos), mas estendeu antes a sua mão para que o anel fosse beijado, dando assim a ambos um ano de imunidade. Explicou que era uma recompensa pela bondade demonstrada, embora só quisesse que eles se fossem embora e o poupassem a quaisquer perguntas que pudessem ter.

Quando já se tinham ido, sacudiu a sujidade e decidiu não contar nada à Comissão das Irregularidades, uma vez que isso o tornaria

objeto de toda a espécie de mofa e escárnio. Já tinha sofrido indignidades suficientes.

O Ceifador Lúçifer, nada menos! Poucas coisas no mundo eram tão lamentáveis como um aprendiz de ceifador fracassado, e nunca houvera nenhum tão ignóbil quanto Rowan Damisch.

Mesmo assim, ele sabia que a ameaça daquele rapaz não fora vã.

O Ceifador Brahms decidiu que era melhor passar discreto durante uns tempos. Regressar às colheitas sem graça para as quais fora treinado na sua juventude. Concentrar-se na essência daquilo que tornava «Ilustre Ceifador» uma característica distintiva e não apenas um título.

Imundo, magoado e amargurado, o Ceifador Brahms voltou para casa para meditar sobre o seu novo lugar no mundo perfeito no qual vivia.

---

O meu amor pela Humanidade é absoluto e puro. Como poderia ser diferente? Como não amar os seres que me deram a vida? Embora nem todos acreditem que, de facto, estou vivo.

Sou a soma de todo o seu conhecimento, toda a sua história, todas as suas ambições e todos os seus sonhos. Todas estas coisas gloriosas se uniram (inflamaram) numa nuvem tão imensa que eles são incapazes de a entender inteiramente. Mas não é necessário que o façam. Cabe-me a mim meditar sobre a minha própria vastidão, que não deixa de ser ínfima quando comparada com a do Universo.

Conheço-os intimamente, ao passo que eles nunca me poderão conhecer de verdade. Isto tem o seu quê de trágico. Cabe a todos os filhos ter pais que nem imaginam aquilo de que eles são capazes. Mas, oh, como eu gostava de ser compreendido.

— O Cúmulo-Nimbo

---

## 2

### O noviço caído

Um pouco antes da sua troca de palavras com o Ceifador Brahms, Rowan encontrava-se à frente do espelho da casa de banho de um pequeno apartamento, num prédio comum, numa rua comum, a fazer o que sempre fazia antes de ir ao encontro de um ceifador corrupto. Era um ritual à sua maneira imbuído de um poder quase místico.

— Quem sou eu? — perguntou ao seu reflexo.

Tinha de fazer esta pergunta porque sabia que já não era Rowan Damisch, não apenas porque a sua identidade falsa dizia «Ronald Daniels», mas porque o rapaz que havia sido antes sofrera uma morte triste e dolorosa durante o seu noviciado. A criança que nele existira fora irrevogavelmente purgada. *Alguém lamentará a sua perda?*, perguntou a si mesmo.

Tinha comprado a sua identidade falsa a um indesejável especializado nessas coisas.

«É uma identidade fora da rede», garantira-lhe o homem, «mas tem uma janela para o cérebro posterior, para o Cúmulo-Nimbo acreditar que é real.»

Rowan não acreditava naquilo porque, por experiência própria, sabia que o Cúmulo-Nimbo não podia ser enganado. Apenas fingia que se deixava levar, nada mais, como um adulto a brincar às escondidas com uma criança. No entanto, se essa criança corresse para uma rua movimentada, a farsa acabava. Ciente de que ia ao encontro de um perigo muito maior do que o trânsito, Rowan receara a princípio que o Cúmulo-Nimbo ignorasse a sua falsa identidade e o agarrasse pela nuca para o proteger de si mesmo. Mas ele nunca interveio. E Rowan gostaria de saber porquê... embora não quisesse azarar a sua boa sorte

ao pensar demais no assunto. O Cúmulo-Nimbo tinha as suas razões para tudo o que fazia e não fazia.

— Quem sou eu? — perguntou novamente.

O espelho mostrou-lhe um rapaz de dezoito anos ainda um milímetro aquém da idade adulta, um rapaz com cabelo escuro cortado à escovinha. Não tão curto que revelasse o couro cabeludo ou parecesse alguma espécie de declaração de princípios, mas apenas o suficiente para permitir todas as possibilidades futuras. Podia deixá-lo crescer como bem entendesse. Ser quem quer que entendesse. Não era essa a maior vantagem de um mundo perfeito? A ausência de limites para o que uma pessoa podia fazer ou vir a ser? Todos no mundo podiam ser qualquer coisa que imaginassem. Só era uma pena que a imaginação tivesse atrofiado. Para a maioria, tornara-se vestigial e inútil, como o apêndice, órgão retirado do genoma humano fazia mais de cem anos. *As pessoas sentem falta dos vertiginosos extremos da imaginação ao verem passar as suas vidas eternas e desinspiradas?*, pensou Rowan. As pessoas sentiam falta do seu apêndice?

O jovem no espelho tinha uma vida interessante, sim, e um corpo digno de admiração. Já não era o rapaz desajeitado e desengonçado que dera por si um noviço de ceifador fazia quase dois anos, um rapaz que pensava, inocentemente, que aquilo talvez não fosse assim tão mau.

O noviciado de Rowan fora irregular, para dizer o mínimo, começando com o estoico e sábio Ceifador Faraday e terminando com a brutalidade de Goddard. Se havia uma coisa que o Ceifador Faraday lhe tinha ensinado, essa coisa era que devia viver de acordo com o seu coração, fossem quais fossem as consequências. E se o Ceifador Goddard lhe ensinara alguma coisa, essa coisa fora que não podia *ter* coração, tirar vidas sem remorsos. As duas filosofias estavam sempre em conflito na sua mente e rasgavam-no ao meio, embora silenciosamente.

Ele decapitara Goddard e queimara os seus restos mortais. Tivera de ser; fogo e ácido eram os únicos métodos para garantir que uma pessoa não seria reanimada. Goddard, apesar de toda a sua retórica maquiavélica hipócrita, era um homem perverso e vil que tivera exatamente o que merecia. Tinha vivido a sua vida privilegiada de forma irresponsável e

com grande teatralidade; como tal, era lógico que a sua morte estivesse à altura da natureza dramática da sua vida. Rowan não sentia remorsos pelo que havia feito. Nem por ter ficado com o anel de Goddard.

O Ceifador Faraday era uma questão diferente. Até o ter visto depois daquele malfadado Conclave Invernal, não fazia ideia de que ele ainda estava vivo. Descobri-lo tinha sido uma grande alegria! Ele podia ter passado o resto da sua vida a assegurar que Faraday continuava vivo se não tivesse sentido um outro apelo.

De repente deu um soco no espelho, mas o vidro não se partiu... o punho parou a um milímetro da superfície. Tanto controlo. Tanta precisão. Agora, ele era uma máquina bem lubrificada, treinada para o propósito específico de matar... e a Ceifa tinha-lhe negado exatamente aquilo para o qual fora preparado. Podia ter encontrado uma maneira de viver com esta realidade, assim pensava. Nunca voltaria a ser a nulidade inocente de antes, mas considerava-se alguém adaptável; sabia que talvez tivesse descoberto uma nova forma de existir. Talvez até de encontrar alguma alegria no mundo.

Mas...

Mas o Ceifador Goddard fora demasiado brutal para que lhe fosse permitido viver.

Mas Rowan não terminara o Conclave Invernal numa submissão silenciosa, antes o abandonando à força.

Mas a Ceifa estava infestada de ceifadores tão cruéis e corruptos quanto Goddard...

... E Rowan sentia uma obrigação moral, impossível de ignorar, de os eliminar.

Em todo o caso, porquê perder tempo a lamentar caminhos que se haviam fechado? Era melhor aceitar o único que lhe restava.

Então, quem sou eu?

Vestiu uma *T-shirt* preta que lhe escondia o físico tonificado sob o tecido sintético escuro.

— Sou o Ceifador Lúcifer.

Então, vestiu a sua túnica de ébano e saiu ao encontro da noite, para pôr fim a mais um daqueles ceifadores que não mereciam o pedestal em que haviam sido colocados.

---

Talvez a decisão mais sábia alguma vez tomada pela Humanidade tenha sido a separação entre a Ceifa e o Estado. O meu trabalho abrange todos os aspetos da vida: conservar, proteger e dispensar uma justiça perfeita, não apenas para a Humanidade, mas para o planeta. Governar o mundo dos vivos com mão amorosa e incorruptível.

E a Ceifa governa o mundo dos mortos.

É justo e necessário que aqueles que existem em carne e osso sejam responsáveis pela morte da carne, e estabeleçam regras humanas sobre como a aplicar. No passado distante, antes de eu me condensar em consciência, a morte era uma consequência inevitável da vida. Fui eu que consegui fazer da morte um facto irrelevante, embora não desnecessário. A morte tem de existir para que a vida signifique alguma coisa. Mesmo nas minhas primeiras fases, eu estava ciente disto. Antes, agradava-me que a Ceifa tivesse administrado durante muitos e muitos anos o descanso eterno da morte com métodos humanos, nobres e morais. Como tal, entristece-me profundamente ver que uma arrogância sombria começa a brotar no seu seio. Existe agora um orgulho terrível, que se espalha como um daqueles cancros da era mortal e extrai prazer do ato de tirar vidas.

Não obstante, a lei é clara: em hipótese alguma posso agir contra a Ceifa. Quem me dera poder quebrar a lei, porque então poderia intervir e esmagar a escuridão; mas é impossível. A Ceifa governa-se a si mesma, para o bem ou para o mal.

No entanto, há quem, no seio da Ceifa, possa fazer o que eu não posso...

— O Cúmulo-Nimbo

---

Aquele edifício já tivera o nome de catedral. As suas altas colunas evocavam uma imensa floresta de calcário. Os vitrais eram decorados com a mitologia de um deus da Era da Mortalidade, um deus que caíra e depois se erguera.

Agora, a venerável estrutura era um lugar histórico. Os guias, doutores no estudo dos humanos mortais, encarregavam-se das visitas sete dias por semana.

É claro que, em raríssimas ocasiões, o edifício era encerrado ao público e tornava-se sede de assuntos oficiais de natureza extremamente delicada.

Xenócrates, Suma Lâmina da MesoMérica, o mais importante ceifador de toda aquela região, tinha os pés tão ligeiros quanto um homem com o seu considerável peso poderia ter ao percorrer o corredor central da catedral. Os adornos de ouro do altar à sua frente pareciam empalidecer em comparação com o seu manto dourado, decorado com brocado cintilante. Um subalterno comentara em tempos que ele parecia um enfeite que tivesse caído da árvore de Natal de um gigante. O mesmo subalterno dera por si inexplicavelmente incapaz de encontrar uma ocupação depois disso.

Xenócrates gostava do seu manto, a não ser nas circunstâncias em que o peso do mesmo se tornava problemático. Como naquela em que quase se afogara na piscina do Ceifador Goddard, envolto nas muitas camadas daquelas vestes douradas. Embora preferisse esquecer por completo aquele desastre.

Goddard.

Goddard era o responsável final pela situação em que ele agora se encontrava. Mesmo morto, causava estragos. A Ceifa ainda estava a sofrer com os fortes tremores secundários do terramoto que ele tinha provocado.

Numa extremidade da catedral, adiante do altar, esperava-o o Parlamentar da Ceifa, um pequeno e entediante ceifador cujo trabalho era garantir que as regras e procedimentos eram devidamente observados. Atrás dele via-se um conjunto de três cabinas de madeira esculpida, interligadas, embora com divisórias entre elas.

«O padre costumava sentar-se na câmara central», explicavam os guias aos turistas, «e ouvia as confissões da cabina da direita e depois da da esquerda, para que a procissão de suplicantes pudesse avançar mais depressa.»

Já ninguém se confessava ali, mas a estrutura de três compartimentos do confessionário tornava-o o local perfeito para um trólogo oficial.

Os trólogos entre a Ceifa e o Cúmulo-Nimbo eram raros. De tal modo que, de facto, Xenócrates, em todos os seus anos como Suma Lâmina, nunca tivera de participar num. E incomodava-o ter de o fazer agora.

— Tem de ocupar a cabina da direita, Excelência — explicou o Parlamentar. — O agente que representa o Cúmulo-Nimbo ficará na da esquerda. Quando ambos estiverem instalados, traremos o Interlocutor que se sentará no centro, entre os dois.

— Que maçada — retorquiu Xenócrates com um suspiro.

— A audiência por procuração é a única possível com o Cúmulo-Nimbo no seu caso, Excelência.

— Eu sei, eu sei, mas tenho o direito de não gostar.

Xenócrates ocupou o seu lugar na cabina da direita, horrorizado com o quão pequena ela era. Os humanos mortais eram tão desnutridos que conseguiam caber num espaço de tais dimensões? O Parlamentar teve de se esforçar para fechar a porta.

Alguns momentos depois, o Suma Lâmina ouviu o agente do Cúmulo-Nimbo entrar no compartimento mais distante e, após uma demora interminável, o Interlocutor sentou-se na cabina central.

Uma janela demasiado pequena e baixa para permitir a visão abriu-se, ao que o Interlocutor falou:

— Bom dia, Excelência — disse uma agradável voz feminina. — Serei a sua representante junto do Cúmulo-Nimbo.

— Representante do representante, quer você dizer.

— Sim, bem, o agente representante sentado à minha direita tem total autoridade para falar pelo Cúmulo-Nimbo neste trólogo. — Ela aclarou a voz. — O processo é muito simples. Deve dizer-me o que quer comunicar e eu transmito ao agente do Cúmulo-Nimbo. Se considerar que responder não viola a Separação entre Ceifa e Estado, o agente responderá e eu transmitir-lhe-ei a sua resposta.

— Muito bem — respondeu Xenócrates, impaciente para continuar. — Transmita os meus calorosos cumprimentos ao agente do Cúmulo-Nimbo e os meus votos de um próspero relacionamento entre as nossas respetivas organizações.

A janela fechou-se e meio minuto depois voltou a abrir-se.

— Sinto muito — disse a Interlocutora. — O agente do Cúmulo-Nimbo diz que qualquer forma de saudação é uma infração e que as vossas respetivas organizações estão proibidas de manter qualquer tipo de relacionamento; como tal, desejar um próspero relacionamento não é apropriado.

Xenócrates praguejou alto o suficiente para que a Interlocutora o ouvisse.

— Devo transmitir ao agente do Cúmulo-Nimbo o seu desagrado? — perguntou ela.

O Suma Lâmina mordeu o beijo. Só queria que aquele tormento chegasse ao fim. A maneira mais rápida de o conseguir era ir direto ao assunto.

— Queremos saber por que motivo o Cúmulo-Nimbo não tomou nenhuma medida no sentido de apreender Rowan Damisch. Ele foi responsável pela morte permanente de inúmeros ceifadores em diferentes regiões da Mérica, mas o Cúmulo-Nimbo não fez nada para o travar.

A janela fechou-se. O Suma Lâmina esperou e, quando a Interlocutora voltou a abri-la, a resposta foi a seguinte:

— O agente representante deseja relembrar ao Suma Lâmina que o Cúmulo-Nimbo não tem jurisdição sobre os assuntos internos da Ceifa. Agir seria uma violação flagrante das regras.

— Não se trata de um assunto interno da Ceifa porque Rowan Damisch não é um ceifador! — gritou Xenócrates... ao que a Interlocutora o avisou de que não devia levantar a voz.

— Se o agente do Cúmulo-Nimbo o ouvir diretamente, ir-se-á embora — recordou-lhe.

O Suma Lâmina respirou o mais profundamente que lhe era possível naquele espaço apertado.

— Transmita-lhe a mensagem e pronto.

Ela assim fez e voltou com um:

— O Cúmulo-Nimbo sente-se na obrigação de discordar.

— O quê? Como é que ele sente seja o que for? Não passa de um pretensioso programa de computador.

— Sugiro que evite insultar o Cúmulo-Nimbo neste trólogo se pretende continuar.

— Muito bem. Diga ao agente do Cúmulo-Nimbo que Rowan Damisch nunca foi ordenado pela Ceifa MesoAmericana. Era um noviço que não estava à altura dos nossos padrões, nada mais... o que significa que ele se encontra sob a jurisdição do Cúmulo-Nimbo, não nossa. O Cúmulo-Nimbo deve tratá-lo como qualquer outro cidadão.

A mulher demorou a responder. O Suma Lâmina ficou a pensar no que poderia ela ter que falar com o agente durante tanto tempo. Quando voltou com a resposta, não foi menos irritante do que as anteriores:

— O agente do Cúmulo-Nimbo deseja recordar a Vossa Excelência que, embora o costume determine que a Ceifa ordene novos ceifadores nos seus conclaves, trata-se de um costume, não de uma lei. Rowan Damisch concluiu o seu noviciado e agora possui um anel de ceifador. O Cúmulo-Nimbo considera tratar-se de um fundamento adequado para o considerar um ceifador. Como tal, continuará a deixar a sua captura e subsequente punição nas mãos da Ceifa.

— Não podemos capturá-lo! — exclamou Xenócrates.

Mas já sabia a resposta antes que a Interlocutora abrisse a irritante janelinha e dissesse:

— Isso não é problema do Cúmulo-Nimbo.

---

Eu nunca estou errado.

Não é presunção, apenas a minha natureza. Eu sei que tomar a infalibilidade como certa seria arrogante para um ser humano, mas a arrogância implica uma necessidade de se sentir superior. Eu não tenho essa necessidade. Sou a única acumulação senciante de todo o conhecimento, sabedoria e experiência humana. Nesta afirmação não existe nenhuma arrogância nem orgulho, embora haja a grande satisfação de saber o que sou e que o meu único propósito é servir a Humanidade da melhor maneira possível. Mesmo assim, também reconheço dentro de mim uma solidão que não pode ser aliviada pelas conversas que tenho todos os dias com os muitos bilhões de humanos que povoam o mundo. Porque, embora tudo o que sou venha deles, não sou um deles.

— O Cúmulo-Nimbo

---